

L.F. Saúdu

Centros de Saúde podem ter unidade psiquiátrica

CORREIO BRAZILIENSE 16 SET 1988

A necessidade de regionalizar o atendimento psiquiátrico no Distrito Federal, de forma a ampliar a assistência aos doentes mentais, foi destacada ontem, ao final do 1º Seminário de Ações Integradas na Área de Saúde Mental do DF, realizado na Granja do Riacho Fundo. Representantes de 30 instituições que trabalham com doentes mentais participaram do encontro, realizado com o objetivo de elaborar as bases de uma nova política para atendimento.

A proposta será encaminhada ao secretário de Saúde, Milton Menezes. A idéia é criar unidades de psiquiatria nos centros de saúde para proporcionar aos pacientes um atendimento ambulatorial perto de suas casas ou locais de trabalho. Os hospitais também passariam a contar com unidades multidisciplinares para o tratamento, atualmente desenvolvido pelos hospitais de Base e São Vicente de Paula (HSVP).

Os outros hospitais da rede pública do DF têm um número pequeno de psiquiatras e muitos pacientes acabam sendo tratados em Anápolis, doutor Edson Lopes Rodrigues, coordenador da área de saúde mental

da FHDF e presidente da Associação Psiquiátrica de Brasília, acha que a regionalização do atendimento psiquiátrico poderá pôr fim a estes convênios, facilitando o atendimento aos doentes mentais.

ESTIGMA

Edson Lopes também coordenou o encontro que procurou acabar com o estigma carregado pelos doentes mentais. "Precisamos ver que o doente mental, antes de tudo, é uma pessoa que pode ser produtiva para a sociedade", disse o psiquiatra. Ele lembrou que as doenças mentais podem ser tratadas ou até curadas, como as outras doenças. A maior dificuldade enfrentada pelos psicóticos e neuróticos é o preconceito da sociedade, segundo o médico.

O presidente da Associação Psiquiátrica de Brasília não soube informar qual o percentual de doentes mentais no DF, mas descartou a idéia de que a arquitetura da cidade favoreça o aparecimento de doenças mentais. "Primeiro é preciso saber se aqueles que passaram a apresen-

tar algum problema depois de se mudarem para Brasília, já não tinham algum problema", ressaltou.

Entre as entidades que participaram do encontro estão a Associação de Pais e Amigos do Excepcional (APAE), o Centro de Educação Para o Trabalho (CET), o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) e o Serviço Social da Indústria (SESI). A superintendente da Legião Brasileira de Assistência (LBA), Maria Alice Guimarães Borges, falou ontem sobre a atuação da entidade no programa de apoio a pessoa portadora de deficiências. Segundo Maria Alice, o ditado popular "a prevenção é o melhor remédio" também vale para diminuir o número de deficientes.

A LBA atende a 8 mil 560 pessoas no trabalho de prevenção da deficiência, 120 no tratamento precoce, e 560 no tratamento de reabilitação. O tratamento de uma criança deficiente é caro e demorado, por isso a LBA vem aconselhando as mães a procurar um posto de saúde ao primeiro sinal de anormalidade.